

A Construção do estereótipo travesti e transexual nos portais teresinenses 180 e Meio Norte¹

Nathalia Caroline da Silva Amaral²

Gustavo Fortes Said³

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

Neste artigo discutimos a construção do estereótipo travesti e transexual com base nas notícias veiculadas nos portais teresinenses 180 e Meio Norte, sobre o assassinato da travesti Makelly Castro, em 18 de julho de 2014. Temos como objetivo principal analisar a construção dessa identidade, considerando a abordagem das notícias sobre a população travesti e transexual, a partir do caso de assassinato de Makelly. Para isso, levantamos a discussão sobre conceitos, como identidade cultural, mídia, representações sociais, identidade de gênero e estereótipo. Utilizamos como técnica de análise, a análise de conteúdo categorial (Bardin apud Sousa, 2014). Diante disso, foi possível avaliar que os dois meios de comunicação contribuem para a manutenção de uma visão equivocada sobre essa comunidade, fazendo relação com categorias delimitadoras.

Palavras-chave: estereótipo; gênero; identidade; jornalismo; webjornalismo.

Introdução

Este artigo fundamenta-se na necessidade de analisar e compreender como os dois portais constroem o estereótipo transexual e travesti, e qual a influência dessa construção na visibilidade desta população pela sociedade. A forma como esse grupo é visto pela sociedade intervém diretamente na ampliação dos direitos dados a essa população e no seu bem-estar social.

Segundo pesquisa desenvolvida pela ‘Transgender Europe’ (TGEU), uma rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo. Os dados mostram que entre janeiro de 2008 e março de 2014 foram registradas 604 mortes no país. A expectativa de vida das pessoas transexuais no Brasil é de apenas 35 anos, menos da metade da expectativa do brasileiro ao nascer, que é de 73 anos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduada em Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, e-mail: nathaliacsamaral@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, e-mail: gsaid@uol.com.br

A forma como o tratamento é dado a estes indivíduos pode revelar o preconceito da sociedade em relação ao grupo. Ao negarmos a sua identidade, referindo-se a um grupo ou a um indivíduo de forma pejorativa, damos continuidade ao processo de exclusão e marginalização.

É de suma importância analisar como os meios de comunicação podem influenciar na construção da opinião pública e fomentar discussões acerca dos direitos dessa população, porque o conteúdo veiculado por esses meios auxiliam na construção dos estereótipos referentes a essa população e a forma como essas pessoas são vistas pela sociedade em geral.

No decorrer da pesquisa, foram analisados dois dos principais portais de notícias de Teresina, a fim de descrever como é construído o estereótipo travesti e transexual através das notícias publicadas nos portais 180 e Meio Norte. Para isso, foram levantadas duas notícias veiculadas sobre a população travesti e transexual de cada um dos referidos portais sobre o caso de assassinato da travesti Makelly Castro, em Teresina, cujo corpo foi descoberto no dia 18 de julho de 2014, no período de um mês a partir da veiculação do ocorrido.

O assassinato de Makelly Castro teve grande repercussão na mídia e na sociedade teresinense na época do seu acontecimento. Makelly Castro desapareceu no dia do seu aniversário de 24 anos, após quatro dias o seu corpo foi encontrado despido em uma área industrial na zona Sul de Teresina. Tendo em vista isso, este artigo teve como objetivos específicos analisar quais os principais temas e linhas de abordagem das notícias sobre a população travesti e transexual, a partir do caso de assassinato de Makelly, e constatar como a construção dessas notícias têm influência na construção do estereótipo travesti e transexual.

Desse modo, faz-se necessário discutir sobre determinados conceitos, como identidade cultural, mídia, representações sociais, identidade de gênero, estereótipo e representações sociais. Utilizamos como método de análise, a análise de conteúdo categorial para, assim, identificarmos quais categorias mais apareciam e enumerar a quantidade de vezes em que cada categoria foi verificada nas matérias selecionadas em cada um dos dois portais analisados. Após a quantificação, as categorias foram analisadas com base nos referenciais teóricos previamente estudados. Assim, foi possível abordar reflexões acerca da construção do estereótipo travesti e transexual com

base no material analisado, utilizando como alicerces para a discussão autores como Hall (2005), Moscovici (1978), Jesus (2012) e Bhabha (2013).

Identidade cultural, mídia e representações sociais

A identidade é construída através das relações que estabelecemos em sociedade com os indivíduos, elementos e símbolos que constituem a cultura na qual estamos inseridos. Em Hall (2005), a identidade, e conseqüentemente a subjetividade, não é algo inato e sim construído ao longo do tempo, através de processos inconscientes. Portanto, o sujeito pós-moderno não possui apenas uma identidade, e sim várias. Cada uma dessas identidades diz respeito a uma parcela da vida do sujeito, e atua de acordo com o contexto social.

Para fazerem sentido, essas identidades precisam ser representadas por meio da linguagem e de sistemas simbólicos. De acordo com Hall (1997), a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e as nossas relações com o outro em seu interior. Sendo assim, as identidades culturais dizem respeito à forma como os indivíduos percebem a cultura e refletem os aspectos culturais no seu modo de vida.

Em outras palavras, a identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. (RODRIGUES, 2016).

Woodward apud Silva (2000, p. 32) pontua que “a forma como vivemos nossas identidades é mediada pelos significados culturais que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação”. As representações sociais estão relacionadas à forma como compreendemos e damos sentido à social. Nós analisamos o mundo e criamos representações sobre ele para que possamos estabelecer um processo comunicacional com os outros indivíduos e elaborar o nosso próprio comportamento.

Na Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici (1978), os meios de comunicação possuem um papel de suma importância, juntamente com as tradições, a educação e com a comunicação social de uma forma geral, dando base para a compreensão que fazemos de nós mesmos e do outro. Ao analisarmos o discurso proferido pela mídia e o seu papel na construção das representações sociais, é possível percebermos a influência desses meios na construção dos sistemas de representação,

esses sistemas são responsáveis pela forma como as nossas ideias, conceitos e sentimentos são representados de forma que sejam decodificados pelos outros sujeitos sociais.

Mídia, estereótipos e relações de poder

Tendo em vista os conceitos de representação social e de identidade cultural, podemos analisar como os estereótipos são concebidos como significações sociais simplificadas que funcionam como termos que expliquem novos sujeitos, inserindo-os em categorias previamente observadas. O estereótipo é, portanto, utilizado como parte da manutenção social e simbólica, excluindo do corpo social tudo aquilo que é considerado diferente do "normal" ou "padrão".

Os estereótipos sociais estão relacionados aos papéis sociais que desempenhamos e influenciam diretamente o nosso convívio em sociedade, pois, são os estereótipos que determinam se seremos integrados e/ou submetidos aos grupos sociais, a partir de características que delimitam a nossa identidade. No entanto, a delimitação da identidade pode acabar por trazer uma noção relativa ao preconceito, ao tentar simplificar comportamentos e encaixar de forma generalizada indivíduos em determinados grupos, concebendo assim um julgamento de determinados grupos sociais.

Em uma sociedade em que a noção de cultura é reforçada através de determinadas identidades majoritárias, os indivíduos que não se encaixam nessas identidades majoritárias, são excluídos e segregados. A definição de quais comportamentos e características serão vistos como majoritários e minoritários é determinada pela influência de alguns grupos possuem na sociedade. Se um grupo possui um comportamento ou característica desviante do que é adotado pela maioria, esse grupo poderá ser excluído ou segregado. Nesse aspecto, a sociedade estabelece normas e regras para que todos os indivíduos sejam classificados e encaixados em determinados ideais culturais. Os indivíduos são, então, divididos em categorias que estabelecem os padrões a serem seguidos.

Segundo Roso et al (2002), é a partir dessa relação de opressão e dominação que os estereótipos se consolidam. Sendo assim, a partir da construção dos estereótipos, a sociedade exclui tudo aquilo que é diferente e que não se enquadra em um ideal social. Cabendo aos sujeitos conformar-se ou não com o ideal expresso pela maioria.

A maioria utiliza diversos meios para solidificar o seu poder sobre a minoria, um desses meios é a mídia. Os segmentos majoritários utilizam a sua influência para estabelecer normas e regras sociais que são difundidas pelos meios de comunicação, para determinar qual comportamento e quais características identitárias serão aceitas ou excluídas na sociedade. De acordo com Roso et al (2002, p. 79) “este processo de exclusão é criado e se desenvolve dentro de contextos culturais historicamente construídos, mas é através da midiaticização que estes meios conseguem estabelecer que o processo de exclusão amplie seu espaço e alimente sua força”. Nesse processo de exclusão, os estereótipos acabam por reforçar discursos discriminatórios e preconceituosos, como forma de legitimar o seu poder.

Por diversas vezes, os meios de comunicação atuam como transmissores destes estereótipos, reforçando o preconceito e a discriminação, por meio das representações sociais compartilhadas socialmente. O conteúdo veiculado por esses meios são repletos de valores e estereótipos que são originados da cultura e das visões das identidades majoritárias. Os fatos e indivíduos que são retratados nesses conteúdos são selecionados de acordo com critérios estabelecidos pela empresa de comunicação, pelos interesses da classe dominante e pela própria cultura.

Nesse processo de construção simbólica através dos meios de comunicação, a exclusão de determinados grupos sociais também está naquilo que não é visto, em todas as identidades que são silenciadas pela mídia. Segundo Guareschi (2004, p.34), “poderíamos argumentar que temos a possibilidade de discordar do que é dito e mesmo criticar o que chega até nós. Mas uma coisa não podemos fazer: é saber o que foi propositalmente ocultado, o não-dito, o silenciado”. Os indivíduos que, de alguma forma, são silenciados pela mídia e não se veem representados no conteúdo que é veiculado, também são invisibilizados e marginalizados pela sociedade.

Identidade de gênero

A identidade de gênero é uma das identidades que compõe o sujeito pós-moderno e está relacionada ao papel de gênero que estes indivíduos desempenham dentro da cultura determinando a forma como o indivíduo se identifica e molda o seu comportamento e as suas características, mas que não corresponde ao desejo sexual.

Vale observar que o papel de gênero desempenhado pelos sujeitos que se encaixam em determinada identidade de gênero está relacionado à forma como a cultura

constrói normas que pré-definem quais características e quais comportamentos são aceitáveis para cada gênero. Na sociedade brasileira, por exemplo, a pressão social, imposta através da cultura, faz com que a mulher tenha um papel de gênero diferente do homem, moldando suas ações, seu modo de pensar, de se comportar e de se relacionar com os outros indivíduos. Sendo assim, todo e qualquer sujeito que apresentar uma identidade de gênero desviante daquilo que é considerado normal e aceitável pela sociedade, será estigmatizado.

A inserção da noção do binarismo a partir do nascimento define um padrão normativo no qual só há duas possibilidades inteligíveis, homem – pênis – masculino, mulher – vagina – feminino. As pessoas que se conformam com essa normatização e se identificam com seus corpos são então denominadas cisgêneros, e juntamente a isso, recai toda uma carga cultural, que determinará os papéis de gênero desses sujeitos em sociedade, estabelecendo que comportamento deverá ser adotado com base nos estereótipos de cada grupo.

Sendo assim, podemos afirmar que o sexo é biológico, no entanto, o gênero é construído socialmente. “E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (JESUS, 2012, p.6). Ou seja, não há como determinar a identidade de gênero apenas pelo corpo físico, como é o padrão da sociedade. A identificação com um gênero envolve características subjetivas de cada indivíduo.

Portanto, estes dois gêneros (masculino e feminino) não são suficientes para abarcar a subjetividade e a identidade de gênero de todos os sujeitos, sendo assim, surgem outras identidades de gênero que não se encaixam em nenhum dos dois grupos anteriormente citados, estas se enquadram no termo guarda-chuva transgênero. As pessoas que se reconhecem nestas identidades, não conseguem conformar-se com os estereótipos impostos pela sociedade, de que o indivíduo deverá pertencer ao padrão binário, masculino ou feminino.

Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo queer, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou utilizam a palavra transgênero. (Jesus, 2012, p.10)

Essas identidades, por se oporem ao padrão binário imposto socialmente, acabam por serem marginalizadas e invisibilizadas na sociedade e nos meios de comunicação. Ao se contraporem às normas sociais, de que o gênero está relacionado ao sexo biológico no nascimento, essas identidades são estigmatizadas e acabam por perder direitos fundamentais.

No entanto, mesmo com todo o preconceito, esses indivíduos questionam e revolucionam o modo como a sociedade se estrutura e propõe uma nova forma de se pensar o indivíduo. E justamente por mexer com as estruturas padronizadas da sociedade, acabam por sofrer preconceito e são deslocados para a fronteira da sociedade, sendo comumente associados à marginalização, tornando-se indivíduos invisíveis e sem acesso a políticas públicas que lhes garanta seus direitos fundamentais, como acesso à educação e ao mercado de trabalho formal.

Nesse sentido, as mulheres transexuais e travestis constroem a sua identidade e a sua expressão de gênero (a forma como apresentam o seu comportamento e a sua aparência de acordo com as expectativas sociais) com base em características e elementos ditos femininos. Essa construção, em muitos casos, se dá muito cedo, ainda na infância, quando essas meninas trans não se identificam com o papel de gênero imposto pela sociedade, que as inserem em um gênero masculino, determinando a forma como devem agir e se comportar perante a sociedade.

Análise de conteúdo

A pesquisa teve como base metodológica a análise de conteúdo categorial que consiste na análise de conteúdos verbais ou não verbais, a fim de dar significação aos dados coletados. Baseando-se no método proposto por Laurence Bardin (2014), a análise foi constituída por três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise consistiu na sistematização das ideias iniciais do projeto com base no referencial teórico. Já na codificação ou exploração do material, foram feitos recortes das unidades de registro, que são os parágrafos de cada notícia coletada sobre o tema, identificando as palavras-chave e fazendo um resumo de cada parágrafo para a primeira categorização

Já a terceira fase consistiu no tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A partir do material coletado nas notícias foi percebido o conteúdo evidente e oculto, fazendo-se uma análise comparativa por aproximação das categorias

percebidas na segunda etapa da análise, percebendo os aspectos que se assemelham e se divergem em cada uma delas.

As categorias foram determinadas a partir do critério quantitativo, com base na frequência com que cada categoria aparecia nas notícias analisadas. Ao analisarmos as matérias, foi possível identificar quais categorias mais apareciam, e assim, enumerar a quantidade de vezes em que cada categoria foi verificada nas matérias selecionadas em cada um dos três portais analisados. Após a quantificação, as categorias foram analisadas com base nos referenciais teóricos previamente estudados.

Em cada uma das duas notícias analisadas dos portais 180 e Meio Norte, partir da análise das palavras, frases e parágrafos, pudemos perceber que algumas categorias se evidenciavam dentro de uma mesma matéria. As categorias transfobia e normatização da identidade de gênero apareceram em todas as notícias analisadas, já a categoria erotização apareceu em três das quatro notícias coletadas para análise.

Transfobia

Apesar da identidade de gênero não estar relacionada à orientação sexual, a forma como as pessoas transgêneros expressam a sua performance de gênero, é relacionada constantemente aos estereótipos negativos sobre a homossexualidade. Por isso, ao expressarem cotidianamente o seu gênero, não se conformando com a normatização imposta pela sociedade, esses sujeitos tornam-se as vítimas preferenciais de violências homofóbicas.

Ao tratar sobre a violência homofóbica sofrida pela população transgênero sem aprofundamento e sem lidar diretamente com a raiz do problema, as notícias reforçam a noção da maioria de que a violência contra as pessoas transexuais e travestis é algo banalizado. Sem provocar a reflexão do público para o fato de que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo.

O caso de Makelly Castro, trouxe luz a violência física sofrida pelas pessoas transgêneros. No entanto, não trouxe para o debate os diversos tipos de violência sofridos diariamente por essa população. Segundo o relatório da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, esse comportamento midiático é recorrente nos meios de comunicação brasileiros.

A maioria das notícias analisadas trata de violências físicas, especialmente homicídios. Entre estes, os mais violentos, ou os que envolvem pessoas com prestígio político ou econômico, permanecem na mídia e têm um acompanhamento mais esmiuçado. Cabe destacar

que apenas foram contabilizadas notícias em que a orientação sexual ou identidade de gênero da vítima estavam explicitamente identificadas como não percebidas como heterossexuais. (2012, p.40)

Vemos, portanto, a estereotipação de que a pessoa transexual ou travesti está inerentemente relacionada à violência, seja como vítima ou como acusado. Por isso, apesar dos avanços, o espaço destinado a esse grupo ainda é o das páginas policiais ou dos programas policiais veiculados pelos meios de comunicação de massa. Ao reproduzir esse estereótipo, a mídia naturaliza a violência e constrói a realidade com base no que é veiculado.

Na notícia do portal 180, “Corpo é encontrado na zona Sul com sinais de espancamento; era travesti”, publicada em 18 de julho de 2014, por exemplo, o repórter, além de fazer menção ao corpo como sendo de um homem, caracterizando uma normatização da identidade de gênero, aponta também a forma como o corpo foi encontrado, “com uma camisa enrolada no pescoço”. No texto, o repórter levanta as possíveis causas que levaram a jovem a óbito, enfatizando que “a vítima que estava com sinais de espancamentos e enforcamento”, no entanto, destaca que a informação veio de uma fonte extraoficial, ou seja, não há confirmação de que, de fato, estas poderiam ter sido as causas. No texto, não são levantadas as possíveis motivações para o crime, além disso, não é utilizada nenhuma fonte oficial na matéria.

No portal Meio Norte, a primeira notícia publicada sobre o assassinato de Makelly Castro também foi divulgada no dia em que o corpo foi encontrado por populares, no dia 18 de julho de 2014. Diferentemente do portal 180, o portal Meio Norte abordou o fato através do depoimento de Joseane Borges, representante da Coordenação de Combate a Crimes Homofóbicos. No seu depoimento, Joseane destaca que o crime teria tido como motivação a homofobia, que é uma expressão de hostilidade à diversidade sexual. Assim como o portal 180, o repórter do jornal Meio Norte faz uma normatização da identidade de gênero de Makelly Castro, ao trata-la como pertencente à identidade de gênero masculina.

A notícia aborda a violência sofrida por Makelly Castro de forma sensacionalista, ao utilizar a fala da representante para afirmar que há um grupo de exterminadores de travestis atuando em Teresina, apesar de não apresentar provas que corroborem essa afirmação. Por fim, o portal utiliza uma foto do corpo despido de Makelly Castro, da forma como foi encontrado por populares, desfocando apenas o

rosto da vítima e parte dos seus seios, fazendo um apelo sexual e mórbido à imagem da vítima, ponto que abordaremos posteriormente.

Normatização da identidade de gênero

A normatização da identidade também está presente em todas as notícias analisadas. Todo o material coletado utiliza termos masculinos para designar as travestis e as mulheres transexuais, refletindo uma normatização da identidade de gênero.⁴

A problemática da representação das travestis persiste na forma como elas são tratadas pelos meios de comunicação, que insistem na utilização de certas marcas culturais para abordá-las como, por exemplo, ao citar o nome feminino de uma travesti, utilizar-se do artigo masculino “o” para fazer a referência, mesmo o nome sinalizando que a travesti se identifica com o gênero feminino e se apresenta assim. (Pires, 2016, p.10)

Ao utilizarem termos masculinos em suas notícias para fazer referência às travestis ou às mulheres transexuais, a mídia e os próprios jornalistas utilizam estereótipos para simplificar a representação desse grupo. Ao afirmar que a vítima era travesti, e associá-la ao pronome masculino, o meio de comunicação estigmatiza e remete a valores morais e discursos ideológicos socialmente produzidos. Em sociedade, a travesti é o homem que “traveste-se” de mulher para tentar aproximar-se do feminino, mas, apesar de desejar ser tratada no feminino e possuir características femininas, é tratada no masculino para reforçar as relações de poder que as marginalizam.

Na matéria do portal 180, “CASO MAKELLY: Travesti pode ter sido morto por maníaco”, publicada em 18 de julho de 2014, o jornalista faz referência à vítima utilizando seu nome de registro, e utiliza pronomes masculinos. Além disso, ao referir-se à Makelly, o repórter enfatiza entre vírgulas, logo em seguida, que trata-se de uma travesti e afirma que os seus seios eram de silicone, para destacar que a vítima, por não ser biologicamente feminina, não teria seios “naturais”. No texto, os termos são alternados entre o feminino e o masculino, mostrando incoerência.

Ao analisarmos as notícias, verificamos como o meio de comunicação age para manutenção dos estereótipos, e como ferramenta que reforça o preconceito através de conteúdo baseado na opinião hegemônica. Se a mídia reforça os estereótipos, ela também cria representações sociais de que as travestis não seriam mulheres, e nem mesmo homens, fazendo parte de um terceiro gênero.

⁴ Por normatização da identidade de gênero, entendemos a tentativa de associar o gênero de um indivíduo através de características biológicas, sem levar em consideração características individuais e subjetivas desses sujeitos.

No Portal Meio Norte, assim como no portal 180, na notícia “PM já tem pistas do assassino de travesti em Teresina; saiba”, publicada em 18 de julho de 2014, também são utilizados os termos “do travesti” e “morto” para fazer alusão à Makelly Castro, solidificando assim as representações sociais de que travestis são indivíduos masculinos que travestem-se de mulheres. Assim como na notícia “Corpo é encontrado na zona Sul com sinais de espancamento; era travesti”, veiculada pelo portal 180, em que o texto inicia referindo-se à vítima como “um homem”, apesar de explicitar no título que o corpo encontrado era de uma travesti.

Ao tratar a vítima com termos masculinos, os meios de comunicação não somente compartilham uma visão hegemônica como também dão bases para indivíduos, que nunca tiveram contato direto com esse grupo, construírem a sua visão acerca dessa identidade. Sendo assim, ao ler uma notícia em que a travesti é intitulada como um sujeito do gênero masculino, o leitor se posicionará socialmente de acordo com essa representação.

Erotização

As travestis e mulheres transexuais passam por um ritual de transformação, para adequar o seu corpo à sua identidade de gênero. Muitas vezes, esse ritual inicia-se ainda na infância, incorporando elementos ditos como femininos, através de roupas, acessórios, brinquedos, e que vão sendo modificados no decorrer da vida, com a implementação de silicone em algumas partes do corpo, ingestão de hormônios, sempre associados à um comportamento determinado como feminino pela sociedade, como voz menos grave, gestos feminizados e até mesmo pelo papel de gênero desempenhado, com o intuito de se fazerem pertencentes ao padrão instituído socialmente.

Por possuírem características femininas e estarem ligadas ao estereótipo da prostituição, muitas travestis são vistas de forma erótica pela sociedade, como pessoas que possuem uma vida sexual ativa e estão sempre associadas ao prazer sexual. Além disso, as travestis não são vistas apenas de forma erótica, mas também de forma exótica, como se fizessem parte de um extrato à parte da sociedade, que não se encaixa nos moldes binários impostos por esta. Ao erotizar e exotizar uma travesti, estamos

estabelecendo uma relação de poder, e expressando uma visão estereotipada da sua identidade.⁵

No imaginário do fantástico sexual, as travestis brasileiras conseguem elevar a potência de um dos mais antigos e criticados mitos, o da união em um mesmo de corpo de caracteres físicos masculinos e femininos, onde a mistura entre os sexos e gêneros é erotizada através de seus corpos quase desconhecidos. (LEITE JR, 2014, p. 44 e 45)

Na notícia “CASO MAKELLY: Travesti pode ter sido morto por maníaco”, publicada em 18 de julho de 2014, o portal 180 faz referência à forma como o corpo de Makelly foi encontrado. Ao relatar que o corpo de Makelly foi encontrado “com seios (silicone) a mostra e vestido apenas numa calcinha fio dental vermelha”, o portal cria um imaginário de que a travesti foi encontrada seminua, fazendo referência de forma desnecessária à suas partes íntimas, inclusive, ao afirmar que os seus seios eram de silicone. Em outro ponto da mesma notícia, o jornalista também enfatiza que “Makelly vestia roupas curtas e ficava à espera de clientes naquela região”, na tentativa de estereotipar o seu comportamento através das suas roupas.

Nas duas notícias publicadas sobre o caso pelo portal Meio Norte, “Travesti é atacada por assassino de Makelly Castro” e “PM já tem pistas do assassino de travesti em Teresina; saiba”, publicadas respectivamente em 30 de julho e 18 de julho de 2014, uma das imagens que ilustram a matéria é a do corpo despido de Makelly ao ser encontrado populares. As imagens estão desfocadas apenas no rosto de Makelly e em parte dos seus seios, deixando o contorno dos seios e o seu corpo seminua identificável. Ao utilizar as duas imagens, o portal viola os direitos da vítima, sem preocupar-se com a repercussão negativa das fotos perante a família e amigos de Makelly.

O discurso construído por esses portais, tem o poder de construir fantasias a cerca desses sujeitos, circunscritas em relações de poder. Para Bhabha (2013, p.107),

a construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença - raciais e sexuais. Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder.

Mais uma vez, podemos perceber a tentativa dos portais em criar estereótipos relacionados à identidade travesti e transexual, determinando a forma como as pessoas

⁵ Vale ressaltar que a ideia de erótico está intrinsicamente ligada à ideia de transgressão, portanto, por estarem à margem da sociedade e serem estigmatizadas, as travestis, ao mesmo tempo, criam uma aura de que são proibidas e de que, ao se relacionar com elas, o parceiro está transgredindo normais impostas pela sociedade.

pertencentes a essa identidade serão vistas pela sociedade. Para isso, reproduzem uma imagem equivocada sobre o grupo, repetindo características negativas que contribuem para a manutenção do preconceito e da intolerância sofridas por essas pessoas.

Considerações finais

A partir da análise do material coletado e das correlações estabelecidas com obras das áreas da Comunicação Social, Psicologia e das Ciências Sociais, estudadas ao longo da pesquisa, pudemos analisar a forma como os dois portais analisados, tomando como base empírica as notícias veiculadas sobre o assassinato de Makelly Castro, e constatar que as notícias produzidas têm papel fundamental na construção do estereótipo das pessoas travestis e transexuais.

Ao retratá-las de forma caricata e sem levar em consideração características subjetivas dos membros que compõe esse grupo, a mídia contribui para a manutenção de uma visão hegemônica que reflete diretamente na forma como a sociedade vê a comunidade travesti e transexual, e nas vivências e relações sociais estabelecidas por esses sujeitos.

O assassinato de Makelly Castro foi abordado pelos portais de forma superficial, reforçando a ideia de que a violência contra as pessoas transexuais e travestis e o preconceito sofrido por esses grupos é algo banalizado. Além disso, a forma como conteúdo foi produzido não dá bases para uma reflexão do público sobre a violência sofrida por esse grupo e para os dados que apontam o Brasil como o país com o maior índice de assassinato de pessoas relacionadas à essa identidade de gênero.

A marginalização e estigmatização desses sujeitos são refletidas nas relações de poder construídas pelos discursos midiáticos dos portais analisados, que acabam por perpetuar o preconceito, através de uma abordagem sem aprofundamento, reforçando o imaginário social que associa à transgeneridade a visões estereotipadas de violência, padrão de gênero binário e erotização.

A visão de que a travesti é um homem que traveste-se de mulher para tentar aproximar-se do feminino é claramente observada nos dois portais estudados. Ao associar à vítima ao uso de pronomes de tratamento masculinos, os portais 180 e Meio Norte fazem referência a valores morais e discursos ideológicos socialmente produzidos que solidificam a visão da travesti como pertencente à identidade de gênero masculina. Apesar disso, não há coerência no conteúdo veiculado por estes portais, pois, embora

tente reforçar que a travesti é um homem travestido, muitas vezes é feita uma referência a essas pessoas como pertencentes a um terceiro gênero, mostrando que, mesmo para os jornalistas responsáveis pela criação do conteúdo, não há clareza sobre o assunto.

Outro ponto observado nas matérias está relacionado à visão das travestis e transexuais de forma erotizada, mostrando que a mídia, assim como a sociedade, vê os seus corpos como públicos, por estarem constantemente sendo expostos nas ruas através da prostituição.

Portanto, destacamos que a forma como os meios de comunicação se posicionam diante dos fatos, contribuem para a forma como a sociedade se relaciona com esses indivíduos, podendo influenciar diretamente na promoção de políticas públicas inclusivas para essa comunidade. Por isso, é importante que esses meios estejam sempre atualizados sobre as simbologias socialmente construídas para retratar determinado grupo minoritário, pois, é através dessas simbologias, que a representação social sobre os sujeitos será definida, determinando se o grupo será marginalizado ou incluído socialmente.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K., 1949- *O local da cultura* / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Psicologia, Subjetividade e Mídia*. In: FURTADO, Odair. (Org.). II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia. Recife: Ed. Universitária, 2004, v. 1, p. 29-34.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.
_____. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: *conceitos e termos* / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012. Publicação online, sem tiragem impressa.

LEITE JR, Jorge. Travestis brasileiras e exotismo sexual. In: *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 50, N. 1, p. 41-47, jan/abr 2014.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIRES, Annelize. Mídia e travestis: *um caso em que a binaridade social não se aplica*. IV SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. GT 2: Gênero, Corpo e Sexualidades. (2016).

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "*Identidade cultural*"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>>. Acesso em 22 de novembro de 2016.

ROSO, A.; Strey, M.N.; Guareschi, P.; e Bueno, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. In: *Psicologia & Sociedade*; 14 (2): 74-94; jul./dez.2002.

SOUSA, L. L. IDEOLOGIA E IDENTIDADES: *a construção da imagem do Piauí na "Caravana Meu Novo Piauí" e "Caravana TV Cidade Verde 25 anos"*. 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2014.

WOODWARD, Katharyn. Identificação e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>> Acesso em 30 de março de 2017.

Corpo é encontrado na zona Sul com sinais de espancamento; era travesti. Disponível em: <<http://180graus.com/ronda-180/corpo-e-encontrado-na-zona-sul-com-sinais-de-espancamento-era-travesti>> Acesso em 29 de março de 2017.

PM já tem pistas do assassino de travesti em Teresina;saiba. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/policia/travesti-assassinado-ja-temos-pistas-diz-mulher-em-depoimento-254902>> Acesso em 29 de março de 2017.

Relatório sobre violência homofóbica no Brasil. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>> Acesso em 15 de março de 2017.

Travesti é atacada por assassino de Makelly Castro. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/policia/travesti-diz-que-foi-atacado-por-assassino-de-makelly-castro-256254>> Acesso em 30 de março de 2017.

Travesti encontrado hoje pode ter sido vítima de maníaco. Disponível em: <<http://180graus.com/noticias/travesti-encontrado-hoje-pode-ter-sido-vitima-de-maniaco>> Acesso em 29 de março de 2017.